



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

12447 - Resumo Expandido - Trabalho - XXVI Encontro de Pesquisa Educacional do Nordeste – Reunião Científica Regional Nordeste da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação – ANPEd Nordeste (2022)

ISSN: 2595-7945

GT10 - Alfabetização, Leitura e Escrita

A prática de ensino da produção textual com alunos do 9º ano do ensino fundamental
 Alessandra Miranda - UFMA- PPGEEB – UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
 Marize Barros Rocha Aranha - UFMA - Universidade Federal do Maranhão
 Alan Sérgio Gonçalves - UFMA - Universidade Federal do Maranhão

A PRÁTICA DE ENSINO DA PRODUÇÃO TEXTUAL COM ALUNOS DO 9º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL

1 INTRODUÇÃO

A escola tem o papel de preparar o aluno para exercer plenamente a sua cidadania, para competir com o mercado de trabalho e sentir-se pronto para os desafios do mundo lá fora (MATTEI, 2016). A necessidade de aprimorar as práticas de ensino de produção de alunos do ensino fundamental, assim como a reflexão sobre os usos de recursos linguísticos chamam a atenção para a importância de se vivenciar na sala de aula atividades sociais de escrita, das quais o aluno não terá acesso, a não ser pela escola, que o torna capaz de interagir com o mundo letrado (CHOPTIAN, 2015).

A constatação de que os estudantes chegam ao final do ensino fundamental apresentando acentuadas dificuldades com relação à produção escrita leva a algumas indagações sobre a qualidade do ensino e dos fatores a ele relacionados. Diante disso, problematizou-se a seguinte questão: Como as estratégias de produção e escrita podem contribuir para a melhoria da produção textual de alunos do 9º ano do ensino fundamental?

O desenvolvimento dessa pesquisa pretende aprofundar estudos que contribuam para o aperfeiçoamento da modalidade escrita na escola, visto que as dificuldades que os alunos apresentam em planejar, produzir, revisar, reescrever e editar textos ao final do ensino fundamental sinalizam para uma atenção especial no tocante ao ensino de Língua Materna (SILVA, 2008).

O estudo se constitui como uma proposta do projeto de pesquisa, referente ao Curso de Pós-Graduação em Gestão de Ensino da Educação Básica- PPGEEB, a ser realizada com alunos do 9º ano do ensino fundamental de uma escola pública municipal, na cidade de Santa Luzia- MA. A pesquisa é de natureza qualitativa, numa perspectiva associada à observação direta e a interpretação e abordagem explicativa dos padrões culturais a serem observados (SPRADLEY, 1980).

2 O ENSINO DE PRODUÇÃO TEXTUAL

A contribuição de estudos sobre o texto é fruto de um amplo esforço teórico, com perspectivas e métodos diferenciados, de constituição de outro campo, em oposição ao campo construído pela Linguística Estrutural, que procura ir além dos limites da frase, reintroduzir o sujeito e a situação da comunicação, excluídos dos estudos sobre a linguagem pelas pesquisas dessa mesma Linguística Estrutural, que compreendia a língua como sistema e como código, com função puramente informativa (BENTES, 2007).

As propostas de ensino no Brasil sofreram um impacto ao final da década de 1990, quando foram publicados os Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Médio-Linguagens, Códigos e suas Tecnologias (BRASIL, 2000). A perspectiva de ensino adotada no documento é orientada para a vida social, e se constitui em uma contribuição relevante no que se refere à pesquisa e à prática pedagógica em linguagem.

Ao adotar uma perspectiva social da linguagem, os Parâmetros Curriculares Nacionais propõem que para além da memorização mecânica de regras gramaticais ou das características de determinado movimento literário, o aluno deve ter meios para ampliar e articular conhecimentos e competências que possam ser mobilizadas nas inúmeras situações de uso da língua com que se depara na família, entre amigos, na escola, no mundo do trabalho (BRASIL, 1997).

Relacionando essa compreensão de linguagem ao ensino de língua materna, João Wanderley Geraldi apresentou a partir da década de 1980, propostas inovadoras em relação à leitura, a escrita e análise linguística, com o objetivo de questionar a finalidade do ensino de Língua Portuguesa na Educação Básica. Nas propostas teóricas e metodológicas instituiu novas nomenclaturas, carregadas com novos objetivos de ensino: produção de texto em substituição à redação; análise linguística no lugar de gramática (MATTEI, 2016).

Em suma, Geraldi (1997) distingue a redação da produção de textos, relacionando aquela a uma prática artificial e forçada em que são elaborados textos para a escola, e esta, a uma prática de interação, com objetivos e interlocutores definidos em que, na escola, os textos são produzidos. O autor afirma que qualquer modalidade de texto requer alguns requisitos para que este seja produzido, tais como: “a) se tenha o que dizer; b) se tenha uma razão para dizer o que se tem a dizer; c) se tenha para quem dizer o que se tem a dizer; d) o

locutor se constitui como tal, enquanto sujeito que diz o que diz para quem diz; se escolham as estratégias para dizer (a), (b), (c) e (d)” (GERALDI, 1997, p. 137).

2.1 GÊNEROS DO DISCURSO E PRODUÇÃO DE TEXTOS

A teoria dos gêneros do discurso na linha teórica do Círculo de Bakhtin considera os aspectos de cunho sócio-histórico essenciais na aprendizagem de produção de textos. Na atividade de produção, mesmo em uma simples conversa cotidiana, as questões discursivas se apresentam, ou seja, o interlocutor tem algo a dizer, tem um discurso a materializar. As formas das distintas enunciações, dos atos de fala isolados, em ligação estreita com a interação de que constituem os elementos, ou seja, as categorias de fala na vida e na criação ideológica que se prestam a uma determinação pela interação verbal (SILVA, 2008).

A tese defendida por Bakhtin é a de que a linguagem somente pode ser analisada como uma produção concreta dos atos da fala, atos estes produzidos por indivíduos historicamente determinados, em que o fator ideológico e o fator expressivo não se contrapõem como instâncias antagônicas, mas como dimensões que interagem constantemente na produção do fenômeno semiótico. Portanto, o autor reconhece tais instâncias como sendo partes de um processo único, as quais mantêm entre si uma interação dialética. A materialização da palavra como signo é determinada pelas relações sociais concretas em que se efetua. A forma essencial da língua é dialógica e só pode ser esclarecida sociologicamente (BAKHTIN, 2006).

Benveniste (1976), em sua teoria da enunciação, propõe uma ideia de linguagem que dê ao indivíduo o *status* de sujeito e assim deve ser porque é um homem falando que encontramos no mundo, um homem falando com outro homem, e a linguagem ensina a própria definição de homem. Em outras palavras, o homem é um ser de linguagem, mas não o é sozinho, precisa do outro. E é a linguagem que viabiliza a existência do eu-tu como sujeitos.

De acordo com essa concepção, a língua se concretiza na vida através dos enunciados que a realizam, pois estes refletem as condições específicas e as finalidades de cada uma das esferas sociais de uso da língua. Todo enunciado deve ser analisado para que o discurso seja estudado nos moldes dos gêneros do discurso, o discurso se molda sempre à forma do enunciado que pertence a um sujeito falante e não pode existir fora dessa forma (BAKHTIN, 1997).

Segundo Bakhtin (1997), um discurso nasce de outros discursos e se produz sempre para um outro sujeito, sendo que esse outro é construído imaginariamente pelo sujeito-autor em um processo de antecipação de contra palavras. Nesse sentido, pensar que a língua se produz em um processo dialógico e não em um estado solitário, interfere no modo de conceber a escrita. Essa concepção de linguagem, portanto, incorporada nas propostas de

práticas de ensino da produção textual dos alunos, pode ajudar a refletir sobre a atividade de produção escrita na escola, pois quando o produtor do texto não identifica o interlocutor ou não consegue elaborá-lo imaginariamente, a prática de escrita torna-se artificial.

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

A pesquisa envolverá uma abordagem holística, por meio da qual se estudará o objeto de modo global, ou seja, como um todo e não de maneira fragmentada, respeitando toda a trama que cercará o objeto. Com isso, deverão ocorrer as interpretações e explicações do objeto investigado, que devem estar de acordo com o sistema cultural ao qual pertencem os participantes da pesquisa. Para se alcançar estes preceitos a pesquisa será realizada através do trabalho de campo, guiada por perguntas etnográficas descritivas, compostas por nove dimensões inter-relacionadas: espaço físico, objetos, atos, atividades, eventos, tempo, atores, objetivos e sentimentos.

A técnica mais importante será a observação participante, que requer muitas horas de observações, na qual a pesquisadora se inserirá no contexto e vivenciará a cultura do grupo estudado, utilizando os seguintes instrumentos: a) gravações em vídeos; b) gravações em áudio; c) diário de campo; d) questionário-entrevista com perguntas abertas e fechadas, cujo objetivo principal será estabelecer um perfil do grupo pesquisado, logo no início da pesquisa, além de oportunizar reflexões sobre suas dificuldades e expectativas em relação ao aprendizado.

Os dados serão analisados interpretativamente seguindo os fundamentos da pesquisa etnográfica e com base no modelo de análise de domínios culturais sugeridos por Spradley (1980). A apresentação dos dados dar-se-á por temas, ao invés de seguir uma ordem cronológica, os quais surgirão a partir das investigações e questionamentos, sendo estes os principais: capacidade em progredir na produção de textos com repertório amplo e variado de palavras ou se em consequência dessa ausência os textos apresentarão repetição dos mesmos itens lexicais; a capacidade que terão em usar conectivos e referenciadores, de modo a garantir a coesão e evitar incoerência textual, estabelecendo a correlação de ideias com seus referentes; capacidade de produzir conforme a estrutura composicional e estilística do gênero em questão, considerando as situações de produção do texto: objetivo, leitor pretendido, veículos e mídia de circulação, suporte, enunciados envolvidos, entre outros aspectos (BRASIL, 2019).

A proposta de correção será na modalidade textual-interativa, como sugere Ruiz (2013). Esse tipo de correção constitui-se de bilhetes ao final do texto, em que serão apresentados comentários (elogios, sugestões, aspectos discursivos e globais do texto), orientando para a revisão e reescrita do mesmo. Também será utilizada a tabela diagnóstica organizada por Costa-Hübes (2012), para melhor análise e interpretação dos elementos textuais acima mencionados. As análises dos dados obtidos virão acompanhadas de vinheta

narrativa com o objetivo de situar o leitor com relação ao contexto, situação e andamento dos eventos/aulas registrados, facilitando, assim, o entendimento do leitor.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As mudanças ocorridas no que tange às concepções de língua, no seu uso dinâmico em contextos comunicativos, às concepções de texto, visto não mais como um produto, mas como um processo, e em relação aos objetivos a serem alcançados, o estudo e a abordagem da unidade texto formal, abstrato, fizeram com que se passasse a ver a Linguística de Texto como uma disciplina particularmente interdisciplinar, em virtude das diferentes perspectivas que abrange (BENTES, 2007).

Uma abordagem Bakhtiniana de ensino da escrita de gêneros discursivos não é aquela que tenta entender e ensinar um gênero apenas como texto, ainda que sejam tratados a partir de conceitos bakhtinianos como os elementos constitutivos do enunciado. A compreensão dos gêneros e as propostas de ensino de produção escrita a partir dos gêneros devem ir da vida ao gênero e não do gênero a vida, reduzida muitas vezes apenas a um contexto.

Ancorado nestas perspectivas de linguagem, pois, espera-se com o desenvolvimento deste estudo não só observar e compreender as principais dificuldades que os alunos apresentam em produzir em relação ao planejamento, textualização e revisão textual em práticas sociais de produção de textos, mas antes de tudo, contribuir para o contínuo aprimoramento das práticas de ensino dessa modalidade escrita, possibilitando verificar a relação entre essas dificuldades e os procedimentos didático-metodológicos da prática de ensino da Língua Portuguesa.

REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- BAKHTIN, M. **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Editora Hucitec, 2006.
- BENTES, A. C. Linguística Textual. In: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Ana Christinna. **Introdução a linguística: domínios e fronteiras**. 7. ed. São Paulo: Cortez, 2007, p. 245-288.
- BENVENISTE, É. **Problemas de linguística geral**. São Paulo: Ed. Nacional, Ed. da Universidade de São Paulo, 1976.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: introdução aos parâmetros curriculares nacionais**. Brasília: MEC/SEF, 1997.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Médio: linguagens, códigos e suas tecnologias**. Brasília: Ministério da Educação, 2000.
- BRONCKART, J. Gêneros de texto, tipos de discurso e sequências: por uma renovação do

ensino da produção escrita. **Revista Letras**, Santa Maria, v. 20, n. 40, p. 163-176, 2010.

CHOPTIAN, L. I. **Anáfora pronominal e repetição lexical**: estudo aplicado ao 9º ano do Ensino Fundamental. 2015. 173 f. Dissertação de mestrado profissional em Linguagem e Letramento pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Cascavel, 2015.

COSTA-HÜBES, T. C. Análise de textos de alunos dos anos iniciais: orientações para um possível diagnóstico. **Work. Pap. Linguist.**, Florianópolis, v. 3, n. 13, p. 1-20, 2012.

ERICKSON, F. What makes school ethnography “ethnographic”? In: **Anthropology and Education Quarterly**, v. 15, p. 51-66, 1984.

FÁVERO, L. L.; KOCH, I. V. **Linguística textual**: introdução. São Paulo: Cortez, 1994.

GERALDI, J. W. **Portos de Passagem**. 4 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

GREEN, J. L.; DIXON, C. N.; ZAHARLICK, A. A etnografia como uma lógica de investigação. **Educação em revista**, v. 42, p. 13-79, 2005.

HALLIDAY, M. A. K. HASAN, R. **Coesin in English**. London: LongmanGroup LTD, 1976.

KOCH, I. G. V.; TRAVAGLIA, L. C. **A coesão textual**. São Paulo: Contexto, 1990.

KOCH, I. G. V. Linguística textual: retrospecto e perspectivas. **Alfa**, São Paulo, v. 41, p. 67-78, 1997.

MATTEI, I. **Prática de análise linguística nos anos finais do Ensino Fundamental**: desafios e possibilidades. 2016. 155 f. Dissertação de mestrado profissional em Linguagem e Letramento pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Cascavel, 2016.

MENDONÇA, M. C. Língua e ensino: políticas de fechamento. In: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Ana Christinna. **Introdução à linguística**: domínios e fronteiras. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2006, p. 233-264.

RUIZ, Eliana Maria Severino Donaio. **Como corrigir redações na escola**. São Paulo: Contexto, 2013.

SILVA, N. R. Os gêneros do discurso na prática de produção textual escrita: implicações teóricas e didáticas. **Linguagens & Cidadania**, [s. l.], v. 10, n. 1, 2008.

SPRADLEY, J. **Participant observation**. Fort Worth: HarcourtBraceCollegePublishers, 1980.

SOARES, A. N. *et al.* O diário de campo utilizado como estratégia de ensino e instrumento de análise do trabalho da enfermagem. **Revista Eletrônica de Enfermagem**, [s. l.], v. 13, n. 4, p. 665-70, 2011.

WATSON-GECEO, K. A. Ethnography in ESL: defining the Essential. **TESOL Quarterly**, v. 22, n. 4, 1988.

